

TERRA LIVRE

A Biblioteca Pública de Braga

3
ABRIL
1971

SEMÁNARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

REACCIONÁRIOS ELECTRÓNICOS

O subsecretário geral das Nações Unidas para os Assuntos Económicos e Sociais, Philippe de Seynes surpreendeu vivamente os delegados dos oitenta países que participaram, o ano passado, em Quioto, no Quarto Congresso Mundial para a Repressão do Crime—e surpreendeu-os tanto pelo seu pessimismo como pela sua capacidade imaginativa, susceptível de causar inveja a qualquer mediano autor de ficção científica. Segundo de Seynes, é de prever que, num futuro não muito remoto, só terá segurança na sociedade em que vivemos quem for bastante rico para manter ao seu serviço uma boa equipa de detectives e de guarda-costas e para instalar em casa um completo dispositivo electrónico de defesa; ainda de acordo com o seu ponto de vista há razões para se pensar que as cidades se transformem em aglomerados de fortalezas protegidas electrónicamente, que deem aos seus habitantes todas as comodidades da vida moderna e os dispensem de se aventurar na «selva do asfalto». Em Chicago, por exemplo, foi então lembrado há já uma organização comercial cujo dispositivo de segurança conta com efectivos superiores aos dos catorze mil agentes que formam

a corporação policial da cidade.

Philippe de Seynes previu, em suma, um autêntico regresso à Idade Média, quando a falta de segurança pública levava os senhores a encerrarem-se nas suas fortalezas e os burgueses a rodear de muralhas as suas cidades. As fortalezas electrónicas que o subsecretário para os Assuntos Económicos e Sociais recomenda aos milionários da sociedade de consumo serão, sem dúvida, muito mais confortáveis do que o desaparecido castelo do Touraine ou de Borgonha em que terão

vivido, antes do advento da fraternidade universal, os eventuais antepassados do ilustre homem público; nem por isso, contudo, deixarão de valer o mesmo, mas com um valor agora ainda mais negativo, ainda menos abonatório da dignidade da condição humana.

As palavras do sr de Seynes não foram, aliás no citado Congresso de Quioto, as únicas a significarem a desorientação reinante entre os peritos na luta contra a delinquência. Um delegado sueco, Carl Erikson, queixou-

(Continua na 4.ª página)

REPAROS...

Nos tempos recuados da minha infância, quando passei pelos bancos da escola, os meus saudosos professores primários — que a terra lhes seja leve e Deus os tenha junto de Si — ensinaram-me que com as palavras formamos frases e, com estas períodos, simples ou compostos, e com os períodos damos forma ao parágrafo ou parágrafos que existam num texto. Por sua vez, este ainda se pode dividir em partes.

Mais me disseram que uma frase é uma afirmação de sentido completo, ou seja, um conjunto de palavras ligadas e combina das entre si e onde devem existir (em concordância) dois elementos fundamentais: o sujeito e o predicado, não falando nos complementos, que são secundários.

Isto vem a propósito da última crónica, intitulada «Notícias do Concelho», inserida no nosso jornal de 27-3-1971, onde estas regras gramaticais são impiedosamente atropeladas e mutiladas.

Os jornais, além de noticiarem, devem instruir. Portanto, quem para eles escreve, deve, além de respeitar a gramática, possuir um mínimo de cultura, para não se expor à censura das pessoas instruídas e também prejudicar, intelectualmente, os leitores menos preparados.

E, a propósito, vamos reler, uns nacos de prosa, extraídos do referido «Noticário do Concelho». Não sei como classifica-los... Para mim não passam de um amontoado de palavras, por vezes sem nexos, sem parágrafos, sem sentido definido, onde se fala de muitas coisas, até confusamente, e por isso, nada se diz.

Assim: — «Muitos leitores devem ter lido a Velhice do Padre Eterno de autoria do célebre escritor e poeta Guer-

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)

Acontecimentos do Grémio da Lavoura de Amares

Em notícia recente referimos que por acordo do actual presidente da direcção do Grémio da Lavoura, da autoridade político-administrativa e dos mais evoluídos sectores da lavoura concelhia, se tinha acordado em apresentar à eleição uma lista da nova direcção que teria a presidência o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva.

O acto eleitoral que devia efectuar-se em 11 de Março findo ficou sem efeito por antecipadamente se ter verificado que não tinha sido nomeada a respectiva Comissão de Verificação, fazendo-se a reunião para aprovação do relatório e contas.

Foi então que, inesperadamente, surgiu um facto insólito que só na sessão da segunda-feira passada, dia 29, teve a resposta adequada.

É que o associado chamado para presidir à sessão de 11 de Março, escolha feita pelo presidente da Direcção de acordo com os estatutos, pois faltou o presidente e o vice-presidente do Conselho Geral, fez depois lavrar uma acta em que se diz *eleito por unanimidade e votação de to-*

dos os presentes para o dito cargo, quando na tal reunião se não falou em eleição do presidente do Conselho Geral, nem se votou tal coisa, porque se não podia nem eleger nem votar, quer pelos estatutos quer pela ordem dos trabalhos.

E foi então que, já no dia «Continua na 4.ª página»

5.ª COLUNA

Afigura-se-me que uma das facetas da minha existência — salvo o devido respeito por meia dúzia de deturpadores — é a simplicidade. Quando me aparece, pois, algo estranhamente gongórico, além de achar piada chego a aborrecer-me da leitura. O caso, desta vez, toma foros de sensacional e por isso aqui vo-lo apresento.

Certa comissão cultural de um organismo do Porto, enviou aos seus associados a seguinte circular:

«Caro colega,
A recusa intelectual e emo-
(Continua na 4.ª página)

Recordar é Viver

Museu de figuras, costumes e coisas da Nossa Terra

▼ — A Primeira Avenida projectada para ligar Amares à Feira Nova

Várias tentativas têm sido feitas, através dos tempos, para ligar Amares à Feira Nova, por uma avenida.

Hoje que ambas as povoações fazem parte integrante da Vila, mais se faz sentir essa falta, que as vicissitudes políticas levaram a protelar e por fim a por de parte.

Se essa avenida tem sido construída e erguidos lateralmente edificações modernas, o que com toda a facilidade se teria feito, não existiriam hoje os problemas de uma Vila desconjuntada, cujo centro, os planos urbanísticos condicionam a uma pública demagógica com tendência real de separação.

Dentro dum conceito de união, vão ali sendo desenhados e localizados edifícios públicos (entre pinhais e mato; para não agradar a Gregos nem a Traianos) e assim se vai tolhendo e estorvando todo um fomento de construção urbana que urgia acelerar ali.

As zonas urbanizadas e de protecção dos grandes

Mini-Gazeta

Olhai p'ra isto, meu Deus!
Reparai no desaforo
Dos homens que sem decoro,
Se atiraram ao nosso foro,
Como se fossem ateus.

Tudo está encarecido,
Tudo tão desesperado
Para comer um bocado,
Que há de olhar ao ordenado,
Senão está tudo perdido!

Realmente, a nossa vida
Vai assim a processar-se:
Toda a gente a encravar-se,
Alguns até a passar-se
Desta parte a outra vida.

Apesar disso, eu presumo,
Nesta pequena resenha,
Inda haver quem muito tenha
E antes de acender lenha
Já 'steja a chorar do fumo!...

DAVUS

Notícias do Canadá

«Palácios do Parlamento»

Sem que me apercebesse, adquiri o hábito da leitura. Esta virtude eu devo-a ao Brasil, pois foi nesta querida nação que eu me afeiçoei aos homens que escreveram romances e fizeram a estória. No Canadá, infelizmente, o tempo é curto para eu cultivar a virtude da qual me envaideço. Múltiplas tarefas roubam-me o tempo, de modo que, diminuí o ritmo da leitura, posto não me divorciasse dele por completo.

E assim, enquanto lá fora cai neve e o vento gelido sopra, vou ficando sentado a ler, armazenando conhecimentos e, de um modo geral, ouvindo a voz de quem morreu para o mundo mas não para os homens que dão valor aos livros. Por esta razão, vou falar um pouco mais da estória canadiana, rica e valiosa como todas as outras que pertencem a outros povos e outras nações.

«O Canadá tem tido muitos edifícios parlamentares, quer federais ou estaduais, porém estranhos e increditáveis ao mundo de hoje. Em 1841 os membros do governo provincial de Ontário reuniram-se num hospital de Kingston para deliberar sobre problemas de valor. A capital do Canadá mudou para Montreal no ano de 1844 e a primeira reunião parlamentar levada a cabo na nova capital foi realizada num velho casarão onde refazia o mercado semanal.

Quebec City, tornou-se, em 1849, capital do Canadá, em virtude das arruaças verificadas em Montreal e, como o parlamento houvesse sido incendiado, os membros do legislativo reuniram-se num convento religioso. Quando em Ottawa no ano de 1916, o edifício do Parlamento foi completamente destruído por violento incêndio, os membros tiveram que lesigar do Ottawa Museum (Museu de Ottawa) por vários anos.

Em 1905, Alberta tornou-se província e a primeira legislatura da nóvel província reuniu-se num ring de patinagem na cidade de Edmonton em 15 de Março de 1906. Curioso notar-se que já então Edmonton era a capital da província de Alberta.

No dia, 15 de Março, foi também aniversário da abertura da primeira reunião parlamentarista da província, realizada na casa de A. G. B. Banatayne, rico industrial de peles e que, mais tarde, serviria de mediador entre as forças guerristas de Red River (Rio Vermelho) então empenhados em crucial luta.

Manitoba tem, hoje em dia, um dos mais atraentes palácios legislativo do Mundo. A encimar o magestoso palácio está, visível de todos os ângulos, a estátua simbolizando a juventude. A estátua em apreço tem uma história especial: foi desenhada e construída na França e embarcada para o Canadá por navio durante a Primeira Guerra Mundial. O navio, porém enquanto cruzava o Oceano, recebeu ordens para reforçar as forças do Canadá em combate e a estátua, esquecida, ficou durante dois anos no porão, sujeita a ser afundada caso o navio tivesse sido atingido.

Isto, em resumo, é o pouco do muito que pode ser dito a respeito da história que o tempo não matou.

José Tavares



campeão nas curas campeão nas vendas

Campeão nas curas... e com razão: o Antracol, bem aplicado, forma uma barreira defensiva que o mildio não consegue atravessar. Por outro lado, o Antracol mantém-se activo durante um período que nenhum fungicida orgânico supera.

Assim, não admira que o Antracol seja também campeão nas vendas.

Os lavradores preferem-no, da primeira à última cura, pois, além da sua poderosa acção fungicida e da sua persistência inultrapassada; não ocasiona efeitos fitotóxicos e é, provadamente, um dos fungicidas mais económicos do mercado. Antracol não tem superior. Antracol é um produto Bayer.



Antracol

não chega para as encomendas

ANTES DE USAR LEIA O RÓTULO

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

—Tem parentes?—perguntou-lhe Luís.

—Tenho uma sobrinha casada com o mestre escola. Para que me perguntas isso?

—Para lhe capitalizar esses vinte reales, comprando-lhe papel do Estado ou alguma propriedade, pois suponho que há-de querer terminar os seus dias na terra.

—Como! Queres separar-te de mim?—perguntou a sr.a Quitéria com surpresa.

—Dentro de alguns dias tenciono fazer uma viagem, por isso quero que descanse e que não sirva mais ninguém; bastante tem trabalhado.

—Enfim! como queiras.

—Boas noites; amanhã terminaremos esses negócios dos vinte reales, agora sinto-me fatigado.

—Boas noites, meu filho. Eu também vou deitar-me; porém antes rezarei alguma cousa pela alma de teu tio.

Luís entrou no seu quarto, porém o ambiente que ali respirava asfixiava-o. Co'no já não tinha necessidade de descer pela janela pegou na chave da porta e saiu.

Tinha desejos de gozar da animação e da vida do café. Além disso, outro pensamento o preocupava. Luís dizia consigo:

—Verei rosa, e passarei com ela a noite; se fico só em casa, a sombra de meu tio não me deixará e tirar-me-á o sono.

O homem que se encontra oprimido pelos remorsos deseja aturdir-se. Luís tinha pensado que uma garrafa de rum faz esquecer, e que os vapores do Champagne produzem sonhos agradáveis. Quando chegou ao Café Suisso não encontrou Fernando; porém estava lá André, um amigo antigo, a quem não via desde o princípio das suas relações com Rosa.

André era um tanto afeiçoado ao jogo do bilhar e a outros divertimentos, porém não tinha grandes vícios. Estava terminando o seu curso de Direito, e seus pais é que lhe pagavam todos os seus gastos de solteiro e todas as carambolas. Além disso André, tinha também encontrado um passatempo onde passava muitas horas de

dia e de noite. Tinha um namoro e pensava seriamente casar-se logo que terminasse o seu curso.

—Eh, Luís?—disse André ao ver passar o seu antigo amigo.

—Ah! E's tu André? Há muito tempo que te não vejo! Onde tens metido?

—Homem, caiu-me em sorte ter que fazer desde as dez à meia noite; tenho noiva, e os pais dela autorizaram-me a que a visite. E tu que fazes? Continuas a enganar a vigilância do senhor teu tio?

—Meu pobre tio morreu.

—Demónio! Isso é mais grave. Quando te sucedeu essa desgraça?

—Ontem à noite.

—Ficaste seu herdeiro, já se sabe.

—Sim.

—Vamos, do mal o menos. Agora já poderás dizer com toda a força dos teus pulmões: Viva a liberdade!

—Sim; eu sou livre—respondeu Luís sorrindo-se.

—E aquela rapariga que encontras-te no teatro Real?

—Qual rapariga?

—Homem, aquela que te arranhou Fernando, a andaluza.

—Tenho relações com ela. Rosa é um anjo.

—Ah, sim! Agora me lembro que se chama Rosa; mas um anjo é que não sabia. Que fazes esta noite?

—Não sei.

—Então, proponho-te que ceemos juntos.

—Até à meia noite estou às tuas ordens.

—Tens depois alguma entrevista?

—A essa hora vou ver Rosa.

—Estimaria bastante que faltasses a essa entrevista; os amantes para serem amados deveras devem de vez em quando cometer uma ou outra infidelidade.

—Se tivéssemos em que passar a noite...

—Em Madrid não falta em que passar o tempo quando há dinheiro.

—Esperemos então Fernando para a ceia.

—Homem, serei franco, não gosto muito da amizade de Fernando.

—E porquê?

—E' um jogador incorrigível.

—Isso é verdade.

—Além disso, que falta nos faz Fernando? Podemos passar bem a noite sem ele.

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Começou o saneamento no Largo Doutor Oliveira Salazar ao qual se seguirão outras indispensáveis em todo o concelho que a Câmara acarinha com o mesmo respeito pelos interesses gerais sem precisar de «apertos». Deve procurar-se saber o que é preciso seja onde fôr dando prioridade às necessidades mais urgentes. Só assim se concebe uma boa administração e só assim as figuras dos dirigentes podem conseguir respeito e nobreza.

Há muito que fazer em todo o concelho. Uma ponte em Ancede no rio cávado porque o barco está podre e não há barqueiro que transporte os passageiros, uma estrada nova na velha já existente que vem da escola de Barreiros entroncar com a de Rendufe que dá ligação para Vila Verde, pois Barreiros está mal servida em caminhos que lhe facilite os acessos indispensáveis. A reparação da estrada de Rendufe — Vila Verde que é camarária deve ser entregue às Obras Públicas para a repararem em condições exigidas pelo trânsito e essa estrada não é caminho vicinal. É uma estrada que dá para ligações internacionais. Mas tudo isto é fácil dizê-lo nestas letras escritas em papel para todos apreciarem mas tudo obedece aos pedidos se forem feitos a plausos que são exigidos e a dinheiro que o Estado queira ou possa dispor para fazer a vontade à Câmara e satisfazer essas necessidades sentidas por milhares de pessoas confiantes nos actuais dirigentes do município que não desejarão ver terminada a sua missão sem deixar feita alguma coisa que marque para sempre as suas presenças e a força da juventude a juntar às suas capacidades intelectuais.

E assim acaba hoje este padre nosso político-administrativo. E agora vou passar a dizer-vos que Lago e Entre-Pontes que é um lugar dessa freguesia está na maré de sorte em desenvolvimento pois além do que já está feito, fábrica de moagem de granito e seixo, câmaras frigoríficas para fruta, temos agora mais uma oficina de vulcanização e recauchutagem.

Todas estas indústrias dão trabalho a muitos braços e receitas à Secção de Finanças. Mas acima de tudo é um factor de considerável progresso que não sendo em Amares como merecia a sede do concelho, pelo menos é em terra adestrada e tudo isto talvez pela posição estratégica e pelas águas dos dois rios que banham a freguesia de Lago à espera que comecem

as obras aprovadas do caminho que liga Entre-Pontes à Igreja Matriz dessa freguesia.

É pena que tudo isto ficasse reservado para a nova Câmara mas também se não fosse isso tudo não valia apenas aceitar cargos para assinar papeis e perder tempo que lhes faz falta a um como advogado e a outro como médico.

O Jornal de Notícias do Porto em destacada notícia do dia 19, falou sobre morangos no algarve e sobre as dificuldades opostas pelo J.N.F. para a exportação nas embalagens exigidas pelos países importadores.

Para a semana cá estará se Deus quiser o vosso amigo.

Elísio Gonçalves

De Amares

A mulher e o seu valor

A senhora D. Madalena Gomes da Silva Pinheiro, filha do sr. João da Silva, funcionário da Repartição de Finanças de Amares, acaba de ser nomeada solicitadora pelo M.^{mo} Juiz da Comarca. No seu amplo escritório foi muito cumprimentada e bem o merece pela necessidade que havia de facilidades de acesso ao fôro Amarense sem preocupações de ilegalidades e de abuso da inocência do povo que não é obrigado a saber o que sabe um solicitador que precisa de ser competente e honesto.

Amares fica totalmente servida de tudo quanto é preciso em honestidade, prontidão e capacidade, só esperando o alargamento, a grandeza exigida pela sua idade e pelo seu valor.

C.

Beleza e estética

Os novos bancos em madeira colocados no Largo Doutor Oliveira Salazar, transformaram a sua fisionomia e mostram o gosto artístico e estético de quem sabe dar juventude à velhice de um logradouro de tradições acolhedoras e de uma nobreza social que Amares ainda com um bem nítida nos braços dos seus históricos monumentos e residências da fidalga gente que defendeu e amou a Pátria legando-nos esse património para enriquecer a história de um concelho inegalável em características climatéricas.

Aniversários

Fazem anos:

No dia 28 de Março, fez anos a menina Maria do Céu Faria, da cidade do Porto.

No dia 1 de Abril, festejou mais um aniversário o colaborador José António da Silva.

Amanhã, o sr. Octávio Pereira Machado.

No dia 4, a sra. Florinda Rosa Ferreira Ribeiro e o sr. Cândido Alberto Pinheiro.

No dia 5, a menina Celeste da Conceição Tinoco e no dia 10 o seu irmão Belmiro Tinoco, residentes no lugar da Costa da freguesia de Goães.

No dia 6, a sra. Maria da Conceição Gonçalves e o menino Maurício Alves Gonçalves, filho do nosso assinante Agostinho Fernandes Gonçalves, residente em França.

No dia 7, o sr. Carlos Alberto Almeida Barbosa de Macedo e a sra. Mariana Baptista Ribeiro, esposa do sr. Horácio Ribeiro, residente no Barreiro.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

Aniversário

No passado dia 30, festejou mais um aniversário a menina Célia Regina Pereira Cer-



queira, filha do sr. Francisco Gomes Cerqueira e da sra. D. Florinda Olímpia Pereira, nascida no Rio de Janeiro e actualmente a residir com os seus pais no lugar de Passos Amares.

Seus paizinhos felicitam-na amorosamente e desejam-lhe

Trovas Soltas

Há pessoas tão grandes no poder,
Tão nobres quando sofrem, quando lutam,
Que não vendem a calma de sofrer
E sabem tolerar tudo que escutam.

E quem perde a razão, mas a verdade
Persegue toda a vida sobre a terra,
Imita o justo, o rei da caridade
Que vive para Deus, fugindo à guerra.

Suportar, desavenças, converter,
O mal que alguém nos faz, com alegria,
É dar paciência e calma ao padecer:
Dar provas de cristão que em Deus confia.

A vida não é mais que provação,
Romagem de pecado e penitência,
Quem faz o mal — recita uma oração;
Quem faz o bem — pratica a divergência.

Sofrer com gesto nobre e fino trato,
Decerto é ser-se grande como a estrela.
O que se vinga é mau, pobre, insensato,
Compra a razão, mas vai depois vendê-la!

Quem domina o rancor sabe esperar
Do coração a paz, que, melindrada,
Nega a harmonia e luz ao próprio olhar,
Mas logo após se dá multiplicada.

Quem dominar o instinto de rancor,
Consegue redobrar o seu prestígio:
Semeando luz onde há negror,
Derramando amor onde há litígio!

Contra a vaidade — um gesto de pudor;
Contra a luxúria — um gesto de candura;
Contra a maldade — um gesto de dulçor;
Contra a vingança — um gesto de brandura.

É profissão de fé, sofrer bastante,
E a vida sem a cruz o que seria?
A cruz é minha vida a todo instante
E a luta a minha paz de cada dia!

Costumei-me a sofrer. Afeito assim,
Quando gozar, decerto vou morrer.
Conspira o mundo inteiro contra mim,
E eu amo o mundo inteiro em meu viver.

Tenho o dom, a ventura de sofrer:
Amo a ternura, o mimo, a gentileza;
Amo o trabalho honesto, o bom viver:
Defendo a minha origem Portuguesa!

CERQUEIRA

FUTEBOL

No Campo Luiz Calheiros Abreu, realizou-se no passado Domingo, um encontro amigável de futebol em que o Besteiros bateu sem apelo nem agravo o Barreiros apesar de este ter jogadores com certo nível.

Na equipa de Besteiros viu-se conjunto, vontade e determinação em vencer o encontro o que conseguiram muito justamenté.

O Besteiros alinhou: Santana, Antunes, José João, Macedo, Zacarias, Belarmino, Luciano, Teixeira, Martins' Cunha e Preto.

Marcaram: Cunha (2) e José João.

Esperamos que estes encontros entre freguesias se realizem mais vezes pois com isso só o F.C.A. terá a lucrar com novos jogadores para as suas fileiras, como é o caso do guarda-redes do Besteiros Santana.

Telefones dos Bombeiros V. de Amares
62162

Acontecimentos do Grémio da Lavoura de Amares

«Continuação da 1.ª página»

13, esse presidente auto-eleito nomeou uma Comissão de Verificação como que ignorasse que a mesma já tinha sido nomeada e posta em reclamação, o que foi dito e esclarecido alto e bom som na própria reunião a que aquele tinha presidido. Nem sequer o facto de ter de colocar o edital da sua Comissão junto aos editais da anterior o esclareceram.

Indiferentes a todos estes manejos os dirigentes do Grémio da Lavoura fizeram continuar os seus trâmites o processo para a reunião do Conselho Geral que havia de eleger a direcção. Tal reunião foi marcada para 29 ou seja, para a segunda-feira passada.

Aconteceu, porém, que o tal presidente eleito do Conselho Geral requereu ao Tribunal de Trabalho a suspensão da eleição por achar que nunca foi nomeada e posta em reclamação a Comissão de Verificação, que nunca foi comunicado ao I.N.T.P., etc.. etc.. E o certo é que a reunião foi suspensa porque a parte requerida não tinha tempo para fazer a prova de que tudo foi feito a tempo e horas, nos devidos locais e que o processo já estava completo no I.N.T.P..

Mas a suspensão da eleição não impediu que o Conselho Geral tratasse da aprovação da acta anterior, a tal do dia 11, ou seja aquela em que se auto-elegeu o dito cujo.

Para a acta desta reunião foram ditas duas propostas que pedem que não seja apro-

vada a parte da acta anterior em que se fala na eleição acima referida e se declare a a mesma, nesta parte, como falsa.

Depois de várias tentativas para evitar a votação ela surgiu finalmente. O Conselho Geral, 30 votos conta 5 aprovou aquelas propostas e deu o seu apoio ao associado que desassombradamente prometeu remeter ao Tribunal Comum as certidões necessárias para o processamento do autor ou autores materiais da falsificação, da vialação de correspondência e do uso ilícito de poderes inexistentes.

Esta votação foi uma demonstração de coesão e de força a mostrar que o Conselho Geral sabe o que quer e extirpará as ilegalidades de que o organismo tem sido vítima.

Muitos leitores nos têm mostrado a sua surpresa por não fazermos referência ao que se vem passando. Tudo faremos a seu tempo, mas não temos ainda certos documentos em nosso poder.

Para já manifestamos a nossa estranheza pelo silêncio da Repartição que recebe os documentos quer autênticos quer abusivos e a quem cumpre discernir e qualificar, mas que a todos dá guarida e cobre com igual indiferença, sendo causa destes adiamentos só possíveis dentro de um clima de inactividade imperdoável.

Ou será que estamos a ensaiar a possibilidade de um organismo ter, simultaneamente, dois órgãos dirigentes?

Reaccionários Electrónicos

(Continuação da 1.ª página)

-se de que no seu país a taxa de criminalidade parecia elevar-se tanto quanto se elevava o nível de vida; e um seu colega britânico, William Clifford, que, por sinal, também desempenha altas funções no sector dos Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas, foi ainda mais longe: «Trata-se afirmou— de reconhecer um conceito completamente novo; á medida que nos vamos desenvolvendo no aspecto económico, causamos o desenvolvimento do crime, tal como causamos com o desenvolvimento económico a poluição do ar e das águas.

Estamos assim, como se vê, perante os primeiros sintomas de uma crise reaccionária e obscurantista, vinda onde menos se poderia esperar que viesse, das altas esferas das Nações Unidas e de representantes de países que

fizeram do culto do progresso indefinido uma pedagogia que não admitia qualquer crítica. As opiniões expressas pelo sr. de Seynes e, sobretudo, pelos srs. Clifford e Erikson parecem pelo menos decalcadas que geralmente se atribuem aos frades do século passado acerca das grandes conquistas da ciência e da técnica.

Mal iremos se os responsáveis em nível mundial pelo combate ao crime e a todas as formas de delinquência já não têm outra forma de enfrentar as suas responsabilidades que não seja a de atribuírem as culpas de tudo ao progresso económico e tecnológico e de aconselharem o regresso às vilas muradas e aos castelos roqueiros da Idade Média. Como anedota pode ter muita graça. Como avaliação de um estado de espírito, é, simplesmente, muito desolador o destes reaccionários electrónicos...

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00
Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00
Semestre 75\$00
Barco—ano 60\$00
Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas

Avião—ano 180\$00
Semestre 90\$00
Barco—ano 80\$00
Semestre 40\$00

Visado pela C de Censura

Recordar é Viver

(Continuação da 1.ª página)

edifícios públicos, serão ali as peias do desenvolvimento do centro da Vila.

Mas vamos à parte histórica e que liga o passado ao presente.

A primeira Avenida projectada para ligar Amares à Feira Nova, foi tentada pelo falecido Dr. Pa edes, que foi Presidente da Câmara de Amares cerca de 1920. Embora tenha sido um usurpador das coisas da Feira Nova, como já aqui fazemos referência, pois daqui levou as repartições públicas então cá instaladas, assim como tentou levar, para Amares a própria feira, ele teve a visão aliás dentro do seu plano de actuação de valorosar uma Vila sem futuro de ligar a Feira Nova a Amares, através duma grande Avenida, única maneira de canalizar para a esfera da antiga Vila, uma povoação satélite muitíssimo maior do que a própria sede concelhia.

Tal avenida por si architectada, que nos Guíames ou quatro estradas, atravessava o denso penhal que separava as duas terras, seguia depois uma trajetória que a conduzia à Boavista isto é pela parte norte da nossa Igreja matriz e passava a norte do antigo quartel dos Bombeiros e ia desembocar junto da casa da Carlota, em pleno Largo da F. Nova.

A política já então fez abortar um plano optimo, architectado com grande objectividade sobre o futuro, que preveu o rumo certo da Vila e a forma válida e única da Vila de então alargar os seus acañhados orizontes. O conceito duma independência, tutelar duma minoria sobre a maioria ainda conseguiu vencer.

Uma segunda tentativa e para nós a mais criminosamente regeitada, foi a que por volta de 1936 se verificou quando as Obras Públicas projectaram a actual remodelação da E. Nacional.

Concordou a Direcção de Estrada em fazer uma avenida entre Amares e Feira Nova, alargando e endireitando o seu tracado. A Câmara só pagava 20 000\$00.

Em ambas as tentativas a Feira Nova deu o seu inteiro acordo, e da última vez a coisa esteve próxima da execução, pois todo o estudo estava concluído e já todos os proprietários confinantes sabiam o que lhe ia ser espropriado. A Avenida ia ter 16 metros de piso.

Quando se soube que a Câmara desistiu apesar das excelentes condições, foi da Feira Nova a Amares uma Comissão falar com o então Presidente da Câmara e ali foi dito a essa comissão, simplesmente, que avenidas eram para vadios.

Foi a machadada mestra

Daí até ao presente e sabe-se lá mais até quando, só se tem cuidado em desenhar no vacuo edifícios públicos, que poderiam ser elemento válido de progresso que são cada vez e como atrás já dissemos, o maior obstáculo a única das duas terras e que não de protelar por gerações os mesmos edifícios terão de ter como se disse atrás, zonas urbanizadas e de protecção e os edifícios de particulares futuros (em terreno tão difícil) terão de ser condicionados e enquadrados no seu grau de grandeza architectónica.

P. B. X.

REPAROS...

(Continuação da 1.ª página)

ra Junqueiro. Esse alimento espiritual passou a ser dietético e agora não é fácil a qualquer alimentar-se de melros... Mas pergunto:— quem passou a ser dietético? O livro de G. Junqueiro ou os melros?

Saboreiem mais esta tirada do nosso exímio cronista:... Morreu o G. Junqueiro, ficaram os melros e ficou o livro que ele escreveu dedicado ao pássaro negro e de bico amarelo que julgo ser privilégio de Portugal nortenho cujo clima os melros e as melrosas muito se ageita às suas existências sinfónicas. Até os ranchos do folclore nortenho que nada tem com cantares do melro é mais vivo, é mais estridente isto quer dizer que onde houver melros há

de tudo e também bom folclore».

Então, Senhor, literata em que ficamos? O livro é dedicado ao Padre Eterno ou ao melro? Depois, reparem os amigos nestas «castiças» concordâncias onde transparece a grande bagagem literária do porta voz do nosso concelho. Estará ele à altura da missão Jornalística?

Para terminar: «... Fiquem pelo menos as mulheres para não desajustar a raça humana e parece que é isso que ainda por aí muito zelado pelos melros»... «fiate na virgem e não fuja ao cheiro da gasolina».

Mas, que ligação tem a Virgem com o cheiro da gasolina, a não ser a falta de respeito?

Olhe, meu amigo:— «Minha Mãe, minha Mãe, ai que saudade imensa do tempo em que ajoelhava, orando ao pé de ti!» suspirava também Guerra Junqueiro.

Há quem afirme que quando começamos a olhar para trás, também principiamos a ser velhos e, consequentemente, a entrar na segunda meninice. Cansados e dobrados pelo peso dos anos, os nossos escritos enfermam do mesmo mal e, por isso, o nosso papel de cronista «brigatório» ou voluntário, assalariado ou presenteado, em vez de útil, torna-se prejudicial e cai no ridículo.

Um assinante

5.ª COLUNA

(Continuação da 1.ª página)

tiva a que sempre nos habituamos a alienar parece um sinal de nevrose e impotência.

Com efeito, um dos inquietantes aspectos da nossa civilização é ter tornado discutível o próprio conceito de alienação.

As pessoas reconhecem-se nas suas mercadorias, que assumem como uma extensão da mente e do corpo; encontram a sua alma no automóvel, no gira-discos de alta fidelidade, etc., etc..

É urgente eliminar esta alienação e lançarmo-nos numa actualização permanente de conhecimentos gerais. E assim não procedermos estamos, automaticamente, a falhar.

É nossa intenção, através duma intensa actividade, virmos junto do colega lembrar-lhe que a Biblioteca está à sua disposição, podendo, até hoje, requisitar o livro que desejar.

Cuide da sua formação intelectual».

Uma vez me eduquei a escrever simplesmente, implica-me os nervos ler destas coisas. E, assim, confesso publico e raso que não percebi patavina.

E o Leitor percebeu?

EME ABRIL